A QUESTÃO DO GÊNERO NA *BATRACOMIOMAQUIA*

FABRICIO POSSEBON*

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Universidade Federal da Paraíba – Campus I de João Pessoa

RESUMO: *A Batracomiomaquia, A batalha dos ratos e das rãs, é um pequeno poema de metro épico, que utiliza o vocabulário da epopéia e trata um tema despreocupado. Ela foi atribuída a Homero e a tradição considera esta obra como um pastiche ou uma paródia da Ilíada. De fato, trata-se do gênero herói-cômico.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura grega; paródia; Homero; herói-cômico.*

Introdução

Para que tenha sentido a discussão que se propõe sobre os problemas do gênero, cabe inicialmente mostrar que obra é essa, quais são suas fontes e características. Assim começaremos por defini-la e caracterizá-la, em seguida, exemplificaremos por meio de nossa proposta de tradução.

1. O que é a *Batracomiomaquia*?

Trata-se de um pequeno poema conservado em 73 códices, sendo que o mais antigo é do século XI d.C. O autor é apresentado pela tradição e nos próprios manuscritos ora como Homero ora como um cário de nome Pigres ou Tigres.

O poema contém 303 versos hexâmetros e constitui uma história completa, com começo, desenvolvimento e conclusão, portanto estamos mais ou menos seguros quanto à totalidade da obra, embora suspeite-se de 11 versos, como interpolados.

A partir dos principais testemunhos (Plutarco, I d.C.; Marcial, I d.C.; Estácio, I d.C.; Fulgêncio, V ou VI d.C.; Suda X d.C.) e de algumas referências (Calímaco,

Mosco) o poema pode ser datado como pertencente ao II século a. C., ou seja, ao período helenístico.

2. A que gênero pertence?

Epopéia é normalmente apresentada, nos manuais de análise literária, como sendo um poema narrativo heróico, maravilhoso e extraordinário, no sentido de exceder a natureza, tendo no fundo uma verdade histórica. A busca de uma identidade nacional e a afirmação de valores próprios é que levaria os “povos jovens” a elaborar epopéias, pois é nelas que vamos encontrar os heróis nacionais, os deuses paternos, os usos e costumes, enfim a cultura da nação. Todavia, longo é o período entre o acontecimento histórico e o produto épico, já que se faz necessário uma espécie de amadurecimento das idéias. Nesse mundo do maravilhoso, mas vivido como realidade, os mortos parecem guiar os vivos. Cria-se no ouvinte/leitor uma atmosfera de evasão do presente medíocre em direção ao passado idealizado e isso é tanto mais verdadeiro quanto mais distante ele se encontra dos acontecimentos históricos, ou seja, quanto maior é o sentimento de perda, quanto mais difícil, senão impossível, o restabelecimento do estado original.

Os já citados heróis são normalmente apresentados como de uma psicologia elementar, ou seja, são simples e espontâneos, rudes como grandes crianças terríveis. Seriam mais tipos do que verdadeiramente personalidades, assim se mostram como guerreiros, marinheiros, velhos, adivinhos, etc. Entre os heróis e os deuses reside um traço marcante que os distingue, no caso grego é a imortalidade dos deuses.

A esse quadro geral, que pretende abarcar a epopéia como um todo, cabe acrescentar algumas considerações de Aristóteles, em sua *Poética*: a epopéia é imitação dos homens nobres, *μίμεσις σπουδαίων* (1449,b,10); utiliza o metro único, *μόνου μέτρου* (49,b,9); heróico, *τὸ δὲ μέτρον τὸ ἡρωικόν* (1459,b, 31-32); não tem limite de tempo, *ὁρίστος τῷ χρόνῳ* (1449,b,14); sua história, que é representação de ação, deve ser de uma ação una e completa, *τὸν μῦθον, ἔπει πρὶ ξέως μίμεσις ἔστι, μιᾶς τε εἶναι καὶ ταύτης ὅλης* (1451,a, 31-32); admite o irracional, *τὸ ἄλογον* (1460,a,13) para produzir o maravilhoso, *ποιεῖν τὸ θαυμαστόν* (1460,a,12); seus episódios, que no drama são curtos, são longos, *τὰ ἐπεισόδια, ἢ δ' ἐποποιία τούτοις μηκύνεται* (1455,b,16).

O desvio significativo que a *Batracomiomaquia* vai apresentar em relação a esse quadro da epopéia é quanto à presença dos animais-heróis. Não fossem ratos e rãs os personagens, e evidentemente as ações e preocupações próprias deles, a

obra bem se enquadraria como uma pequena epopéia. Portanto devemos buscar uma especificidade na classificação.

3. Herói-cômico

Aristóteles na *Poética* (1448,b) diz que foi Homero o primeiro a traçar as linhas fundamentais da comédia. Sua afirmação se baseia na existência de uma obra, *Margites*, atribuída a Homero. Porque tal atribuição é feita pode ser explicado pela antigüidade dessa obra, que à época de Aristóteles já não possuía a autoria conhecida. Era uma composição em versos, hexâmetros misturados com jambos, e tinha analogia com a comédia, assim como a *Ilíada* e a *Odisséia* com a tragédia. Cabe notar que Aristóteles se refere ao *Margites* e outras do mesmo gênero, ὁ μαργίτης καὶ τὰ τοιαῦτα (1448,b, 30). Não sabemos muito mais a respeito da obra, além do que se possa deduzir do nome, pois o adjetivo *margós* significa *toló*, *insolente*. Há, de fato, um ou outro testemunho, mas sua contribuição para a problemática é pequena.

Em outra passagem (1448,a) Aristóteles diz que Homero representou personagens superiores a nós, ou imitou homens superiores; Cleofão os semelhantes; Hêgemon de Taso, o primeiro a escrever paródias, e Nicócares, autor da *Deiliada*, representou personagens inferiores. E completa dizendo que essa mesma diferença é a que separa a tragédia da comédia, esta imita os piores, aquela os melhores.

Dessa passagem cabem algumas indagações. Parece que os autores apresentados na lista (Homero, Cleofão, Hêgemon e Nicócares) seriam do gênero épico, pois são contrapostos ao drama. Parece haver também um espaço aberto para o drama que representaria os personagens semelhantes a nós, pois a comédia imita os inferiores e a tragédia os superiores, assim como um espaço para a epopéia nos mesmos moldes – algo como um drama e uma epopéia *burguesas*, em termos atuais. A quem, de fato, se refere o termo aristotélico nós, tomado como paradigma? Seria o cidadão ateniense, por oposição ao mundo de heróis e deuses, ou seja, superiores, e por oposição aos inferiores, escravos, estrangeiros, pessoas sem direito à vida democrática, etc.?

Pouco sabemos também dos autores citados, mas o nome da obra *Deiliada* nos remete ao adjetivo *deilós*, “tímido, covarde” e ao substantivo *deilia*, “pusilanimidade”. Assim Hêgemon e Nicócares parecem pertencer ao mesmo mundo poético do autor do *Margites*, ou seja, o mundo da epopéia cômica, com personagens tolos, imitadores dos homens inferiores aos cidadãos. Denominaremos essa produção, também épica, de herói-cômico ou heróico-cômico.

A tradição registrou alguns títulos, além do *Margites* e da *Deiliada*, já comentados: *Cercopes* (*Homens-macacos*), *Epicichlides* (*Tordos*), *Galeomiomaquia* (*Batalha dos ratos e doninha*), *Aracnomaquia* (*Batalha das aranhas*), *Psaromaquia* (*Batalha dos estorninhos*), *Geranomaquia* (*Batalha dos groux*) e *Batracomiomaquia* ou *Miobatracomaquia*.

4. O riso na Grécia clássica

De uma maneira geral, nos três autores clássicos que trataram da questão, o riso está associado ao baixo.

Sempre no contexto da comédia, no *Filebo* de Platão, encontramos o riso entendido como um vício, ligado como todo vício à ignorância. O riso é cabível para ser aplicado aos amigos, não aos inimigos, para corrigi-los de seus erros. Aquele que conhece a si mesmo está livre da ignorância, portanto não há por que rir.

Aristóteles, em *Da geração dos animais* e *As partes dos animais*, ao propor uma explicação física para o riso, apresenta a possibilidade da existência de um riso irracional, devido ao aquecimento do diafragma sem a expressa vontade do indivíduo. Já na *Poética*, tratando das comédias, o status é o mesmo que em Platão: o riso como um erro, sem dor.

O *Tractatus Coislinianus*, de autoria desconhecida, uma espécie de esboço ou resumo de alguma obra mais completa, tem o mesmo juízo a respeito do riso, todavia tem o mérito de algum detalhamento: a divisão entre o riso da fala e das ações, as subdivisões dos recursos cômicos e o estudo das partes da comédia.

Não é muito extenso o legado teórico da antigüidade sobre o riso, mas parece ser o suficiente para concluir que seu status é o de inferioridade, em relação ao sério. Não encontramos elogio ao riso. Essa constatação pode ser projetada na produção artística, assim uma obra do gênero herói-cômico deve, em princípio, ocupar um degrau abaixo de outra do gênero heróico, por exemplo.

5. A tradução

Nosso trabalho de tradução começa, então, com o pressuposto que estamos diante de uma pequena epopéia, não heróica, mas herói-cômica, ou seja, uma obra com o status do riso.

A tradução deve dirigir-se no sentido de resgatar duas vertentes: de um lado, o formalismo, a rigidez e a repetição da épica, já que se trata de uma obra do gênero herói-cômico, e, de outro lado, a mobilidade e vivacidade do riso. Todavia a *Batracomiomaquia* se apropria também de outras tradições: as fábulas, os bucólicos, a historiografia e a lírica. Todas essas tradições são mais ou menos veladas no texto, não são tão evidentes quanto a épica.

O pequeno poema oscila, então, entre a paródia, entendida como a imitação de uma obra, no caso o principal candidato é a *Iliada*, e o pastiche, imitação de gênero, no caso o gênero heróico.

Uma parte do humor, portanto, seria melhor apreendido na medida em que a obra ou gênero imitado fosse reconhecido. Aqui registra-se uma das dificuldades.

Vejamos a cena do encontro na *Batracomiomaquia*, que recorda inúmeras passagens de encontro entre heróis, principalmente entre Diomedes e Glauco, na *Iliada*, VI, 119-236:

- Sedento rato, certa vez, fugiu de danosa doninha,
10 no lago aproximou o delicado queixo,
prazeroso com a mélea água. Mas o viu
um loquaz gozador do lago. Proferiu palavra tal:
“Hóspede, quem és? Donde vieste à praia? Quem te gerou?
Dize-me toda a verdade, não te veja mentir.
15 Se te reconhecer digno amigo, conduzirei à casa,
darei muitos dons de hospitalidade, e bons.
Eu sou o rei Bochechudo, no lago
sou sempre honrado líder das rãs.
Pai Barrento nutriu-me, unido em amor
20 à Rainha-d'água, às margens do Erídano.
Vejo-te belo, forte, superior aos outros,
rei, cetro em mãos, combatente em guerras,
mas apressa-te, narra tua raça.”
Rouba-resto respondeu e disse:
25 “Por que buscas raça? É claro a todos:
a homens, deuses, aves celestes.

Rouba-resto sou chamado, filho
do magnânimo pai Rói-pão, a mãe
Lambe-mó, filha do rei Rói-presunto,
30 pariu-me num abrigo, nutriu-me com alimentos,
figos, nozes e iguarias de todo tipo.
Como me farás amigo, se por natureza diferimos?
Tua vida está nas águas, meu hábito é roer
quanto há junto a homens; não me escapa
35 pão de farinha fina de cesto circular,
nem bolo de longas bordas de gergelim e queijo,
nem pedaço de presunto, nem fígado de túnica branca,
nem queijo recém coalhado de doce leite,
nem gostoso bolo de mel, desejado até por imortais,
40 nem quanto cozinheiros fazem para festas de mortais,
quando preparam pratos com ingredientes de todo tipo.
Não como couves, rabanetes, abóboras,
nem me alimento de alhos verdes, salsinhas:
55 são vossas iguarias, daqueles do lago.”
Bochechudo sorriu e disse:
“Hóspede, muito te vanglorias do ventre; também temos
no lago e na terra muitas maravilhas a contemplar,
o Cronida deu às rãs pastagem anfíbia,
60 habitar casas divisas em dois elementos,
saltar por terra e ocultar-se sob águas.
Se queres conhecê-las também, está à mão!
Sobe no dorso, segura-me, não pereças,
que jubiloso chegues a minha casa.”

A cena, então, mostra como os dois heróis encontram-se, apresentam-se e descrevem orgulhosos a sua estirpe.

Nota-se também a criação dos nomes de personagens. Eis outros exemplos:

Bochechudo	Φυσίγναθος
Cava-presunto	Πτερογλύφος
Cava-queijo	Τυρογλύφος
Come-pão	Ἄρτοφάγος
Come-presunto	Πτεροφάγος
Espreita-pão	Ἄρτεπίβουλος
Goza-na-água	Ὑδρόχαρις
Goza-no-lago	Λιμνόχαρις
Lambe-homem	Λειχήνωρ
Lambe-mó	Λειχομύλη
Lambe-prato	Λειχοπίναξ
Pé-na-couve	Κραμβοβάτης
Pé-na-panela	Ἐμβασίχυτρος
Rouba-parte	Μεριδάρπαξ
Rouba-resto	Ψιχόρπαξ

6. Conclusão

De uma maneira geral, a obra é toda assim: uma composição de cenas e situações nas quais pode-se encontrar um equivalente em outros textos, principalmente épicos, mas também entre os bucólicos, entre os comediógrafos, historiadores, etc. Versos inteiros são apropriados de Homero e de Hesíodo. Partes de versos ou pequenas variações são apropriados de Calímaco. Algumas alusões recordam Aristófanes, Mosco de Siracusa e Tucídides.

A dificuldade principal na compreensão da obra é o contexto. Em que medida o leitor moderno conhece a tradição grega e é capaz de recordar-se dela? O grego antigo conhecia de cor os poemas homéricos e hesiódicos e, certamente, muitos outros textos, como poemas líricos, diálogos, etc. O leitor moderno é quase obrigado a ler o comentário, que investiga cada trecho do original e procura encontrar a sua referência. Todavia uma contradição fica patente: sem ler o comentário não se compreende, mas ao lê-lo o humor desaparece, pois o caráter cômico da descoberta não

existe mais. É como aquele que ouve uma piada e não a entende, portanto não ri. Explicando-lhe o significado, ele entende, mas então perdeu a graça.

NOTA

- * Professor Assistente de Lingüística Românica, Língua e Literatura Latina da Universidade Federal da Paraíba – Campus I de João Pessoa e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CETRANGOLO, Enzo. *Imi omerici e Batracomiomachia*. Florença: Sansoni, 1990.
- HIMNOS HOMÉRICOS. LA 'BATRACOMIOMAQUIA'. Introdução, tradução e notas por , 4berto Bernabé Pajares. Madri: Gredos, 1988.
- HOMERO. *Poemetos e Fragmentos de Homero*. Introdução e tradução de M. Alves Correia. Lisboa: Sá da Costa, 1947.
- HESIOD. *Homeric Hymns, Epic Cicle, Homeric*. H. G. Evelyn-White. Londres: Harvard University Press, 1959.
- HOMERI CARMINA. *Ranarum et Murium Pugna*. Paris: Firmin – Didot, 1830.
- HOMERI OPERA. Tomo V. Thomas W. Allen. Londres: Oxford University Press, 1974.
- LEOPARDI, Giacomo. *Opere*. Tomo I. Organizado por Sergio Solmi. Milão-Nápoles: Riccardo Ricciardi, s.d.

POSSEBON, Fabricio. *La question du genre dans la Batrachomyomachie*.

RÉSUMÉ: La Batrachomyomaquie, Le combat entre des grenouilles et des rats, est un petit poème, de mètre épique, utilisant le vocabulaire de l'épopée et traitant un sujet léger. Elle était attribuée à Homère et la tradition considère cette oeuvre comme un pastiche ou une parodie de l'Iliade. En fait, il s'agit du genre héroï-comique.

MOTS-CLEFS: littérature grecque; parodie; Homère; héroï-comique.